

v i s
d e l
e r a
r a
t r a
u v e
i a

outra travessia

Revista de Literatura nº 32
Ilha de Santa Catarina 2º semestre de 2021

Arquivos

Editor-chefe:
Ricardo Gaiotto de Moraes
Editores:
Artur de Vargas Giorgi
Bairon Vélez Escallón
Rafael Alonso
Editora assistente:
Flávia Scóz

Programa de Pós-Graduação em Literatura

Ficha Técnica

Capa: *Sem título* (série garafunhas), caneta sobre papel, 2012.

Catálogo

ISSN: 0101-9570

eISSN: 2176-8552

Editor-chefe:

Ricardo Gaiotto de Moraes

Editores:

Artur de Vargas Giorgi

Bairon Vélez Escallón

Rafael Alonso

Editora assistente e editoração:

Flávia Scóz

Revisão:

Sabrina Alvernaz / Viviane da Silva Vieira/ Claudia Luana Cogo (UFSC)

Conselho Consultivo:

Adriana Rodriguez Pérsico, Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina

Ana Luiza Andrade, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Ana Porrúa, Universidad de Rosario, Argentina

Antonio Carlos Santos, Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Brasil

Artur de Vargas Giorgi, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Carlos Eduardo Schmidt Capela, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Célia Pedrosa, Universidade Federal Fluminense (UFF), Brasil

Camila Bylaardt Volker, Universidade Federal do Acre (UFAC), Brasil

Ettore Finazzi Agrò, Università de Roma La Sapienza, Itália

Fabián Javier Ludueña Romandini, Universidad de Buenos Aires - Universidad UADE

- Consejo Nacional de Investigaciones Científicas y Técnicas (CONICET), Argentina

Flora Sússekind, Fundação Casa de Rui Barbosa, Brasil

Florencia Garramuno, Universidad de San Andrés, Argentina

Francisco Foot Hardman, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil

Gema Areta, Universidad de Sevilla

Ivia Alves, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Brasil

Jair Tadeu da Fonseca, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Jorge Hoffmann Wolff, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Livia Grotto, Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR), Brasil

Luciana María di Leone, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

Luz Rodríguez Carranza, Universidade de Leiden, Países Baixos

Marcelo da Rocha Lima Diego, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Brasil

Marcos Siscar, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Brasil

Maria Aparecida Barbosa, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Maria Esther Maciel, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

María Gabriela Milone, IDH, Conicet. Universidad Nacional de Córdoba, Argentina

Mario Cesar Camara, Universidad de Buenos Aires (UBA), Argentina

Raúl Antelo, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Rita L. de Freitas Bittencourt, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Brasil

Roberto Vecchi, Università di Bologna, Itália

Sabrina Sedlmayer Pinto, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

Susana Celia Scramim, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Wander Melo Miranda, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Brasil

Wladimir Antônio da Costa Garcia, Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

Arquivos

Nas últimas décadas, a centralidade do conceito de *arquivo* tornou-se inegável. Claro, trata-se de uma centralidade excêntrica, se assim pudermos dizer, já que situa e vincula, a um só tempo, a ausência e a presença, a epistemologia e a ontologia, a dispersão e a consignação, a fragmentação e a combinação, de maneira que os mais dissímeis fenômenos da cultura e, no limite, os sujeitos e a história mesma, tornam-se legíveis ou são obliterados em razão de um funcionamento aporético incontornável, funcionamento que é próprio do *logos a-lógico* do arquivo.

Isso porque, como princípio que articula as – distintas, mas afins – atividades da teoria, da crítica e da criação, um arquivo é sempre um espaço-tempo plural, singular confirm *in-material* onde se confrontam várias forças. Nele vemos confluírem, de modo indissociável e, por isso, polêmico, as formas de inscrição e os efeitos de apagamento. Nele lemos o esvaziamento dos mais arcaicos mitos de origem; assim como registramos, em diferença, as disputas contemporâneas pelo poder e pelo poder dos começos, com suas narrativas de ruptura ou de fundação. Estruturante, em um arquivo são estabelecidas as ordenações, os sistemas, as estruturas; mas, sendo notadamente anárquico, nele também são dispostas as tensões, as potências disruptivas dos nossos saberes esclarecidos e nossas instituições.

De certa forma, a citação – cifra do artifício, da contingência, da diferença, do erro – marca seu começo, como um começo em abismo. Não à toa, a apropriação e a montagem apresentam-se como proposições ou procedimentos destacados nos trabalhos de artistas e escritores contemporâneos tão diversos como Rosângela Rennó e Christian Boltanski, Cindy Sherman e Bernardo Carvalho, Verônica Stigger e Mário

Bellatin etc. Não deixariam de reforçar esse argumento distintas vozes da crítica: por exemplo, Nicolas Bourriaud, ao pensar a definição da arte contemporânea como um efeito de *pós-produção*¹; ou Boris Groys, em suas considerações sobre os museus contemporâneos, que notadamente operam por meio da criação de “uma nova ordem de memórias históricas”, ou seja, que ao contrário dos museus modernos, funcionam de acordo com “novos critérios de coleção através da reconstrução da história”². Sem desconsiderar as enormes diferenças em jogo, a esses artistas, críticos e teóricos, autores como Andrea Giunta, Georges Didi-Huberman, Arthur Danto, Giorgio Agamben, Hal Foster, Raul Antelo e, sem dúvida, inúmeros outros deveriam ser somados.

Claro que, em sua arqueologia da modernidade, Foucault já se referia a Flaubert como um desses artistas nascidos sob o signo vertiginoso do arquivo³. E antes, também Bataille, em sua leitura da obra de Manet, salientara que o artista, ao lidar com a estrutura didática e retórica da pintura, teve de mobilizar o arquivo para, recompondo-o, silenciar a tradição⁴. E poderíamos afirmar que em Machado de Assis, em Euclides da Cunha, em Mário de Andrade, em Jorge Luís Borges, em Macedonio Fernández, em Guimarães Rosa (etc.) – em suma, tais autores igualmente compartilham um gesto de mobilização do arquivo, um gesto propositivo que trabalha, afinal, a exposição de um *fundamento ausente* que, não obstante, só se dá a ver em razão da existência do arquivo⁵.

Desse modo, no arquivo há vir-a-ser e extinção, composição e disposição, constituição e destituição. O arquivo se mantém em razão do seu poder de começar: como *arché*, ele concentra a origem e seu poder de comando; origem e poder que não se dissociam de um sítio – o espaço, o desígnio: o desenho do arquivo – nem da condição indecidível de, ao mesmo tempo, instituírem o arconte que os institui: aquele que decide, regula, limita, interpreta os elementos consignados.

No entanto, como também sabemos, a completude do arquivo, sua memória, sua total inscrição, seu *telos*, enfim, é da ordem do impossível. Comprometido com a

1 BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*, 2009.

2 GROYS, Boris. Sobre o novo, 2015, p. 56.

3 FOUCAULT, Michel. *Posfácio a Flaubert*, 2009.

4 BATAILLE, Georges. *Manet*, 1955.

5 *Macunaíma*, bem sabido, é obra rapsódica. “Pierre Menard”, obra de anacronismo deliberado. Já em *Os Sertões*, Euclides elabora o tópico central da imitação não como representação da semelhança, mas sim da diferença, de maneira que a leitura do seu texto é também a leitura de Victor Hugo e Sarmiento, e igualmente de Afonso Arinos, Monteiro Lobato e Graciliano Ramos. Cf. BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos*, 1995. Em Machado de Assis encontraremos a diferença e o diferimento de Sterne ou de Xavier de Maistre. Assim como em Guimarães Rosa poderíamos ler esse espaço intersticial, “crivado de silêncios, de sintomas, de murmúrios subterrâneos, que se dá como tarefa – à maneira benjaminiana – dar voz aos sem nome, multiplicar as singularidades que toca ou pelas que foi tocado”. VÉLEZ-ESCALLÓN, Bairon Oswaldo. *O Páramo é do tamanho do mundo*, 2014, p. 12.

instituição e a ordenação, uma sorte de anarquia é dele indissociável; afinal, um arquivo existe apenas se confrontado com o que não é (não ainda, não mais) o arquivo: com o que não comparece de maneira positiva em seu arranjo, e exatamente assim, ausente, esquecido, estranhado, o habita, tornando-o avesso a qualquer logos superior e seu nomos gestor. Eis o seu mal: obedecendo à ordem do sintoma, um arquivo compreende aquilo que não cessa de não se inscrever no arquivo: sua própria ruína.

Este número de *outra travessia* também performa um trabalho de arconte, pois estabelece um corte deliberado pelo qual se institui uma série temática cujos artigos constituem, comentam, escarafuncham arquivos. Em “A vertigem angélica. 80 anos da geopoética de Iommi & Bó”, Raul Antelo – autor fundamental para a compreensão da potência crítica e criativa da operação do arquivo na contemporaneidade⁶ – lança mão de vasta documentação textual e iconográfica, guardada em periódicos e arquivo pessoal, para trazer à tona o projeto de três artistas argentinos, Godofredo Ionni, Efraim Tomás Bó e Juan Raul Young, e três brasileiros, Gerardo Melo Mourão, Abdias do Nascimento e Napoleão Lopes Filho, de criar uma irmandade poética e fundar uma cidade utópica. Tal intento ilustra uma posição da crítica latino-americana frente às categorias da filosofia europeia: não seria necessário negar as contribuições desta cultura, mas mesclá-las “com as heranças e culturas milenares violentadas pela transculturação”.

Também sondando rotas de intercâmbio entre brasileiros e hispano-americanos, Thayse Leal Lima, em “Pesquisando os arquivos latino-americanos”, faz uma análise metacrítica de sua trajetória de pesquisa em coleções de documentos localizadas nas cidades de Montevideu, Caracas, São Paulo e Princeton, para buscar sentidos, limites e possibilidades dos arquivos no campo dos estudos literário e culturais. É partindo de uma leitura etimológica da palavra arquivo que Fernando Floriani Petry aproxima, por sua vez, em “Entre acervos e arquivos: nos traços de um museu”, dois eventos – a conferência *Mal d’archive*, em Londres, de Jacques Derrida e a inauguração do parisiense *Musée du quai Branly* – para “recuperar os traços do processo de construção do conceito de identidade de si e de outros na museologia francesa”.

No artigo “Paisagens em metamorfose: Alejandro Obregón, o barroco como modernidade”, é articulando as noções de paisagem, subjetividade e modernidade que de Lisbeth Juliana Monroy Ortiz situa a poética do pintor Alejandro Obregón (Barcelona, 1920 – Cartagena, 1992) como um acesso para considerar a singularidade da emergência da pintura moderna na Colômbia. Igualmente em torno da paisagem, o texto “A chácara: um mapa multissensorial sobre a cidade de Salto”, de João Piron e Luisa

6 Em sua vastíssima produção, cf., por exemplo, ANTELO, Raul. *A máquina afilológica*, 2021; *Archifilologias latinoamericanas*, 2018.

Paraguai, faz a cidade surgir como lugar de memória numa investigação teórico-prática de cartógrafo-artista. Aí, a cartografia é mobilizada para criticar como o apagamento de lugares em mapas institucionais condiciona histórias a serem esquecidas.

Esquecido pelas histórias literárias e listas de leituras recomendadas, *Sob o olhar malicioso dos trópicos*, de Barreto Filho, publicado em 1927, é comparado a *Amar verbo intransitivo*, 1925, de Mário de Andrade, este sim livro de título lembrado sobretudo em efemérides modernistas. No artigo “Narrar para negar: a busca por um alto e puro amor ou a intransitividade do verbo amar”, Elisa Domingues Coelho coloca os dois romances lado a lado para investigar neles a tensão entre amor e sexo. Outro dueto, formado pelas vozes de mãe e filha, é contraposto em “Silêncios e narrativa: o foco narrativo e a relação de amor e ódio entre mãe e filha em *Uma duas*, de Eliane Brum”, escrito por Priscila Finger do Prado, Rebeca Fechi Ribeiro e Julia da Rosa Savian.

Se na literatura o gesto narrativo de mesclar gêneros textuais e formas de natureza vária perfaz arquivos por negar e instaurar tradições constelares, no artigo “A poesia de Anne Sexton e a indústria cultural”, Olga Kempinska busca no trabalho da escritora estadunidense as marcas do neo-surrealismo atravessado por elementos do discurso da indústria cultural, tais como, o conto maravilhoso e a linguagem das marcas. Encerrando este número, a tradução do artigo de Darko Suvin “A ficção científica e o *novum*”, assinada por Larissa Costa da Mata, apresenta o *novum* como categoria determinante para se compreender a ficção científica em relação a outros gêneros narrativos.

Mais coincidência editorial anárquica que organização de dossiê temático, este número coloca a revista *outra travessia* em dia. Editores arcontes em júbilo! Finalizamos esta jornada agradecendo às colaboradoras e aos colaboradores por seus textos e por suas contribuições generosas, e a todas e todos os estudantes de pós-graduação que tornaram possível a publicação dos últimos volumes. *outra travessia* segue na picada.

Referências Bibliográficas

ANTELO, Raúl. *Archifilologías latinoamericanas: lecturas tras el agotamiento*. Villa María: Eduvim, 2018.

ANTELO, Raul. *A máquina afilológica*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2021.

BATAILLE, Georges. *Manet: biographical and critical study*. New York: Skira, 1955.

BERNUCCI, Leopoldo M. *A imitação dos sentidos: prógonos, contemporâneos e epígonos de Euclides da Cunha*. São Paulo: Edusp, 1995.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética relacional*. Tradução Denise Bottmann. São Paulo: Martins, 2009.

DERRIDA, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *Atlas ¿Cómo llevar el mundo a cuestas?* Madrid: Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofía, 2011.

FOUCAULT, Michel. Posfácio a Flaubert (*A tentação de Santo Antônio*). In: MOTTA, Manoel Barros. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Tradução Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

GIORGI, Artur de Vargas. O fim da arte, o contemporâneo, o começo do arquivo. *ARS (São Paulo)*. 2019, v. 17, n. 36, pp. 99-116. Acesso em: 25 maio 2022. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/issn.2178-0447.ars.2019.143107>>.

GROYS, Boris. Sobre o novo. In: *Arte, poder*. Tradução Virgínia Starling. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2015, p. 37-59.

VÉLEZ-ESCALLÓN, Bairon O. *O Páramo é do tamanho do mundo*: Guimarães Rosa, Bogotá, Iauaretê. Tese de Doutorado. Orientação: Profa. Dra. Liliana Reales. Florianópolis: Programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC, 2014.

Submissão: 12/10/2021

Aceite: 29/10/2021

<https://doi.org/10.5007/2176-8552.2021.e90619>

Esta obra foi licenciada com uma Licença Creative Commons

Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.